

O ENCANTAMENTO E A MORAL EM REINAÇÕES DE NARIZINHO E O PICAPAU AMARELO: A FUNÇÃO DA FANTASIA

BRUNA DA SILVA OTTO DE OLIVEIRA*


Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Campinas, SP, Brasil.

Recebido em: 31 mar. 2025. Aceito em: 6 fev. 2026.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, B. da S. O. de. O encantamento e a moral em *Reinações de Narizinho* e *O Picapau Amarelo*: a função da fantasia. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 1, p. 60-77, jan./abr. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n1p60-77

Resumo

O artigo discute como Monteiro Lobato mescla o real e o maravilhoso em *Reinações de Narizinho* (1921) e *O Picapau Amarelo* (1941) para incentivar a imaginação e a formação moral das crianças. Destaca-se a quebra de fronteiras entre os contos de fada tradicionais e o mundo do sítio, promovendo uma visão crítica e ativa do leitor infantil. Emília e Narizinho ganham papéis centrais na construção desse universo lúdico, que une educação e diversão sem subestimar a inteligência infantil.

* E-mail: bruna.ottooliveira@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0003-7934-5502>

Palavras-chave

Maravilhoso. Moral. Fantasia.

Nos anos 1920, as crianças brasileiras tiveram, pela primeira vez, acesso a um universo em que o real e o maravilhoso se mesclavam por meio das obras de Monteiro Lobato, estimulando a formação de valores e conhecimento. Durante a consolidação da literatura infantil brasileira — na qual o autor foi pioneiro —, pequenos leitores foram apresentados a um mundo em que a imaginação e o pensamento crítico eram incentivados.

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) assumiu a missão de olhar as necessidades infantis de um modo especial nas suas narrativas. O escritor criou esse universo em que personagens autorais, folclóricos e derivados de narrativas orais se comunicavam em harmonia. As personalidades criadas por ele nesse mundo de fantasia ganharam fama que se estende até os dias atuais, figuras provenientes da cultura brasileira ganharam destaque e apreço pelos leitores, e velhos conhecidos de contos de fada europeus foram incorporados ao seu contexto. Tudo se relacionava de maneira peculiar e divertida.

A análise feita neste trabalho evidencia a importância do mundo encantado criado por Monteiro Lobato, principalmente no olhar dado por ele a personagens de contos de fada, tendo em vista uma moralidade que não desestimula a imaginação e o juízo do leitor, mas os encoraja. Para isso, duas obras do escritor estarão em relevância neste estudo: *Reinações de Narizinho* (1921) e *O Pica-pau Amarelo* (1941).

A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Até Monteiro Lobato lançar suas obras infantis, muitos livros existentes e que se propagavam entre o público eram traduções e adaptações de histórias europeias (Coelho, 1991, p. 247). As personagens que participavam desses enredos eram baseadas em comportamentos estereotipados e voltados ao público europeu. Lobato criou algo até então inédito: literatura direcionada para as crianças brasileiras sem seguir os modelos da época – ou seja, narrativas ou exclusivamente pedagógicas ou exclusivamente voltadas à diversão.

As histórias anteriormente eram focadas em disputas entre o bem e o mal, com uma certa delimitação de possibilidades.

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade única de educar, apresentar modelos, moldar a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra dificilmente tinha o objetivo de tornar a leitura como fonte de prazer, retratando a aventura pela aventura. Havia poucas histórias que falavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da vizinhança, da escola, da vida (Rocha, 2009, p. 17).

Apesar de hoje em dia sabermos a importância da fase da infância, preservar esse momento da vida passou a ser visto como relevante apenas por volta do século XVIII, ou na Idade Moderna (Melo, 2020). Anteriormente a isso, crianças eram vistas como miniadultos, sendo vestidas e cobradas por um comportamento semelhante ao de pessoas mais velhas (Veiga, 2023). Aos poucos, a sociedade passou a enxergar as crianças como seres diferenciados por questões biológicas e inerentemente conectadas a “processos históricos representados por mudanças na família e na sociedade” (Melo, 2020).

Philippe Ariès (*apud* Melo, 2020), em *História social da criança e da família*, foi quem se dedicou a um trabalho voltado à infância, trazendo-a como objeto de estudo. No seu livro, que é referência no Brasil, ele abordou as diferentes formas de sentimentos, tratamentos e comportamentos sociais que se modificaram ao longo da história e contribuiu para a transformação do cuidado com a criança.

Quando se pensa na criança como um ser que está em desenvolvimento e que necessita de orientações e tratamentos específicos, compreende-se a relevância da ludicidade na comunicação com ela. É necessário que seja guiada em busca de significados — da vida, das questões morais, das regras compartilhadas em uma sociedade e/ou comunidade, da própria existência (Bettelheim, 2002, p. 64). Esses significados não devem ser passados como a um adulto, porém de uma forma que atinja suas capacidades intelectuais, sentimentais e de acordo com seu nível de aprendizagem.

Toda essa construção em conjunto não ajuda apenas os pequenos a conviver em uma sociedade da qual estão aprendendo a fazer parte, cumprindo com obrigações, mas os auxilia também no reconhecimento de si mesmos em

um mundo cheio de informações e que está constantemente se desenvolvendo. Portanto, as histórias, os quadrinhos, os desenhos cumprem um papel que vai muito além do que pode ser percebido em curto prazo. A imaginação da criança está sendo desenvolvida enquanto ela tem contato com o lúdico, mas esse contato também pode orientá-la em relação à humanidade, aos próprios sentimentos e às emoções, e mostrar como eles podem interagir e modificar a vida dos pequenos (Bettelheim, 2002).

O conto de fadas muitas vezes pode servir como instigador da imaginação, auxiliando a criança a ampliar sua inteligência e a esclarecer suas emoções ao mesmo tempo que indica soluções para problemas que antes podiam não ser reconhecíveis (Bettelheim, 2002). Além disso, Bettelheim (2002, p. 65) afirma que:

Os contos de fadas promovem o desenvolvimento da criança, motivando-a a ser generosa e solidária, fazendo-a compreender que nem sempre as pessoas são boas e que nem sempre as situações são agradáveis. Por conseqüência, desperta seu senso crítico, fazendo-a refletir entre o pensar e o agir, entre o certo e o errado. Assim, a essência dos contos de fadas é abstrair conceitos formadores de caráter, uma vez que estabelece relação entre “bem e mal”, “certo e errado”. Seus valores são inúmeros: respeito, bondade, justiça, amizade, amor, franqueza, humildade, diferença etc.

Outrossim, é importante frisar que muitas vezes as crianças têm o primeiro contato com a literatura de forma oral a partir dos próprios contos de fadas, o que pode instigá-las a buscar a leitura em seu crescimento (Rocha, 2009, p. 7). Dessa forma, antes mesmo de ser alfabetizada, a criança consegue enveredar pelos caminhos da literatura e se desenvolver de maneira lúdica.

É importante salientar que aqui cabe uma pequena explanação sobre “a função da literatura”, tópico que serve a um debate profundo e com muitos entremeios; inclusive o próprio significado de “literatura” pode ainda ser muito variado.

A pressão do processo sócio/cultural/político, hoje em plena expansão (principalmente em nosso continente sul-americano), atua sobre a criação quanto ao aspecto ideológico, e não só altera a matéria literária (em estrutura/forma/linguagem/gênero...), como transforma a possível função do produto literário. Para além do prazer, emoção, a literatura contemporânea visa alterar ou transformar a consciência crítica do seu leitor, receptor (Mesquita, 2002 *apud* Rocha, 2009, p. 11).

De acordo com Antonio Candido (2023, p. 190-191), em “O direito à literatura”, “a literatura é o sonho acordado das civilizações”, pois é muito possível que não haja “equilíbrio social sem a literatura”, e ela possui um “papel formador de personalidade”. É a literatura que nos humaniza, nos direciona e nos oferta força, potência, direcionamento e sensibilidade. Ao mesmo tempo que nos iguala, transcendendo nossas diferenças, também revela, sutilmente, os contrastes intrínsecos entre nós.

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2023, p. 195-196).

Dito isso, é possível compreender que a literatura e sua função, citadas neste trabalho, partem dessa visão *humanizadora* cujo papel é guiar o ser humano de uma maneira crítica e consciente de seu lugar no mundo, mas que também pode atingir a sensibilidade e a emoção do leitor. Nada mais tem tamanho poder, especialmente na vida de uma criança.

Pensando sobre isso, criar uma literatura que tivesse como objetivo pensar no público leitor infantil com mais cuidado era urgente:

Lobato, [...] mesmo detentor de um projeto nacional definido – que ele deixa claro em vários de seus livros – e de um forte propósito educativo, rompeu com a tradição utilitarista e inaugurou uma nova estética na literatura para crianças; inovação esta relativa tanto ao plano da retórica quanto da ideologia (Cantuária, 2012, p. 47).

Monteiro Lobato viu em um espaço vazio de criações uma oportunidade para dar início a uma revolução literária. Mesmo com a Imprensa Régia implementada e o alcance da escrita crescendo, no início do século XIX, as criações literárias para o público infantil eram muito escassas (Marinheiro; Moura; Peres, 2012, p. 4). Após a Proclamação da República e um rápido desenvolvimento na urbanização, iniciou-se um interesse – principalmente por parte da burguesia – no desenvolvimento social com a finalidade de motivar o povo

brasileiro a consumir produtos nacionais; a criança passa então a ser um público viável, e a escola, um local de desenvolvimento humano (Marinheiro; Moura; Peres, 2012, p. 4).

O MUNDO MARAVILHOSO DE MONTEIRO LOBATO

No universo literário criado por Lobato, elementos reais e fantásticos se entrelaçam de uma forma que as crianças podem construir suas visões de mundo real a partir de um viés lúdico. Unindo personagens de diferentes origens, uma família amorosa e crianças curiosas, Monteiro Lobato harmonizou o modelo de literatura infantil e concebeu uma possibilidade de transformar a sociedade, já que havia o interesse de criar um projeto literário com essas obras:

Lobato, ao fazer a escolha de escrever para um público infantil, tinha um projeto educacional de formar nesses futuros cidadãos, desde a infância, um pensamento crítico e transformador da realidade por meio da transmissão de informações, que garantissem a liberdade de pensamentos e escolhas (Oliveira, 2019, p. 13).

E isso vinha de experiências como jornalista e crítico literário (Oliveira, 2019, p. 14), que o ajudaram a se inspirar e produzir histórias visando educar os pequenos leitores a se tornar cidadãos mais conscientes no futuro. Para ele, “um país se faz com homens e livros”.

Nas aventuras do Sítio, Lobato se vale do recurso da fantasia para informar, discutir e fazer refletir sobre assuntos como a burocracia estatal (*Caçadas de Pedrinho*, 1933); a ineficiência da instituição escola (*Emília no país da gramática*, 1934); e as ambiguidades do sistema capitalista (*O poço do Visconde*, 1937) (Moura, 2012, p. 36).

O subgênero da narrativa infantil do autor pode ser classificado como “maravilhoso”, pois esse tipo não coloca limites definidos entre o real e o imaginado; os elementos que causariam espanto ou questionamentos não motivam reação alguma em personagens ou nos interlocutores implícitos (Todorov, 1975, p. 60). E isso acontece repetidamente na leitura de Lobato — um

exemplo possível, dos tantos que se apresentam, são a conexão e o diálogo constantes entre os personagens e os animais do Sítio do Picapau Amarelo:

Os personagens fantásticos penetram na vida do sítio sem dar justificativa para os acontecimentos; os fatos não são questionados pela possibilidade da não realidade, interligando fantasia e realidade sem provocar hesitação por parte dos personagens ou leitores, caracterizando, assim, a narrativa maravilhosa [...] (Grade; Cordeiro, 2008, p. 97).

É relevante salientar que o maravilhoso foi ganhando espaço na literatura de Lobato aos poucos e apenas depois da primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado* (1921), em que a personagem, ao final da narrativa, acorda de um sonho, revelando que foi tudo fruto de ilusão (Branco, 2007, p. 29). Os limites foram sendo quebrados gradualmente, e Lobato logo se sentiu mais à vontade para explorar os elementos necessários que faziam sua obra se tornar cada vez mais popular.

Monteiro Lobato também se inspirou em muitos elementos folclóricos brasileiros. Lendas urbanas, personagens da cultura popular, mitos, todos eles fazem parte da composição lobatiana. Isso o ajudou a criar uma conexão com os leitores, aproximando-se de aspectos que rondavam a imaginação popular (Lobo; Ranauro, 2016, p. 8). Seu mundo encantado ficava muito mais acessível àqueles que se interessavam em lê-lo e ajudava a perpetuar histórias já apreciadas e famosas pelo seu público leitor: “O legado cultural também tem um efeito educativo na criança; e, quando ela é nova, a literatura pode transmitir de forma mais eficaz as informações que ela necessita” (Bettelheim, 2002, p. 3-4).

É ainda possível dizer que Lobato unia elementos maravilhosos em suas narrativas com o intuito de incentivar uma evolução nos pequenos leitores, dialogando com a imaginação deles:

Lobato tornou-se o primeiro escritor nacional a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e em sua consciência crítica, com um projeto bem definido: fazer do leitor em formação um agente da transformação social brasileira em que a criança coloca-se no lugar do protagonista (Arroyo, 1990, p. 204).

Há um cuidado ao citar as obras de Monteiro Lobato atualmente, pois elas passam por uma análise minuciosa sobre questões hoje pertinentes.

Destarte, as pautas atuais debatidas, muito importantes no âmbito moral, não destituem o valor e o peso das suas narrativas infantis até hoje. Não há dúvidas de que as criações de Lobato devem ser debatidas e contextualizadas, além de guiadas — caso trabalhadas em sala de aula —, de maneira que a leitura seja feita de forma crítica — como em muitas outras criações literárias que hoje se encontram como cânones, já que elas trazem resquícios de costumes e crenças ultrapassados.

O reconhecimento da amplitude e da intensidade de muitos temas, assuntos ou fatos presentes em suas histórias permite a discussão também ampla, aberta e, por que não, profunda desses temas, dos mais aos menos polêmicos. Se há, portanto, uma posição a assumir, ela se configura na busca por preservar a leitura de obras marcadas pela criatividade, inventividade e criticidade (Valente, 2022).

É inegável, portanto, concluir que sua obra ainda possui um grande valor literário entre os clássicos brasileiros, principalmente na literatura infantil. A importância de sua ousadia ao definir novos caminhos para essa ficção está até hoje presente nas salas de aula e nos estudos literários brasileiros:

Coube a Lobato a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando (Coelho, 1991, p. 165).

AS PERSONAGENS DE CONTOS DE FADAS EM REINAÇÕES DE NARIZINHO E O PICAPAU AMARELO

O Sítio do Picapau Amarelo abriu as portas para um universo em que, além de a imaginação circular livremente, também personagens das histórias questionam, duvidam, desafiam. Saem de seus papéis passivos, em que aceitam seu “final feliz”, para redescobrirem o mundo, suas relações e tudo o que é possível e esperado.

Em *Reinações de Narizinho* (1921), a personagem vai, aos poucos, mostrando-se a criadora de sua própria história. A imaginação da menina a guia para além das fronteiras do real, e logo novos universos surgem. Por mais que

ela vá perdendo espaço nas histórias ao longo das criações (Cantuária, 2012, p. 47), ela se apresenta como uma personagem com senso de justiça, desafiadora, questionadora. Sua própria aparência vai de encontro ao que existia na literatura infantil até então – uma menina com pele “cor de jambo e olhos pretos como duas jabuticabas” (Lobato, 1921). Logo, sua boneca Emília também ganha mais destaque, sempre sedenta por se comunicar, provocando diferentes aventuras.

Em cada novo capítulo do livro, é possível verificar que o papel de passividade não é ocupado por Narizinho ou Emília. As duas compartilham um espírito de enfrentamento e curiosidade, destacando ainda mais a criação lobatiana. Narizinho não se intimidou em discutir com Dona Carochinha já em *Reinações de Narizinho* quando a personagem criticou o Sítio:

— Mas a senhora conhece essa tal menina? — perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

— Não a conheço — respondeu a velha — mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas corocas.

Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar dona Benta de velha coroca, Narizinho perdeu as estribeiras.

— Dobre a língua! — gritou vermelha de cólera. — Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. [...] Nunca tive essa “bela ideia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe? (Lobato, 1921, p. 10).

Até mesmo seu primo Pedrinho constata nesse mesmo livro: “Pela segunda vez Pedrinho abriu a boca. Aquela prima, apesar de viver na roça, estava se tornando mais esperta do que todas as meninas da cidade” (Lobato, 1921, p. 33).

Emília, em especial, ocupa um lugar importante entre as personagens. Ela se destacou e foi ganhando cada vez mais espaço nas narrativas do Sítio por possuir um caráter ambíguo. De acordo com o próprio Monteiro Lobato, ela foi tomando o controle da narração conforme o autor ia criando (Lobo; Ranauro, 2016, p. 9).

Mais do que isso, o próprio papel da criança se modifica a partir das criações de Monteiro Lobato. As personagens infantis não são passivas nem ocupam (ou preparam-se para ocupar) um papel tradicional na sociedade. Elas também são ativas na construção de seu próprio conhecimento e lugar no mundo.

Em oposição à “escola tradicional”, a infância é vista numa perspectiva positiva, não como uma condição transitória de incompletude e imperfeição, mas como um fim em si mesmo. A criança, por sua vez, é entendida como um sujeito ativo que polariza a ação educativa. Esta, por sua vez, deve estimular a curiosidade, o pensamento, a criticidade, a imaginação, o trabalho cooperativo, de forma livre, espontânea e prazerosa, preceitos identificáveis em toda a obra infantil de Monteiro Lobato (Cantuária, 2012, p. 56).

Toda essa autonomia infantil ilustrada nas obras infantis de Lobato se contrapõe ao que era comumente manifestado em contos de fada. Apesar da importância dessa literatura na educação infantil, as narrativas obedeciam a uma imposição e ideia de criança que visavam à inculcação da obediência e dos bons costumes da sociedade da época em que foram criadas, conforme tese publicada *on-line* por Abramowicz (1998): “Os contos foram usados com o intuito de persuadir as crianças a se conformar com os modelos dominantes no processo de socialização”.

A partir do olhar sensível de Lobato, célebres princesas não estão mais fadadas a passar o resto de suas vidas em um mundo limitado às narrativas costumeiras e com seus conhecidos príncipes. O “felizes para sempre” não é mais um desfecho cerceado em um universo restrito e distante, mas uma frase em suspensão que comporta novos destinos. O autor obtém um tom mais informal e desprezado do que é apresentado nos contos originais, unindo a fantasia e o real com propósito possivelmente moral (Lopes, 2025).

Pensando nisso, ver o Pequeno Polegar abandonar sua história em *Reinações de Narizinho* mostra um ímpeto subversivo que não é natural das versões originais. Dona Carochinha, na obra citada, expõe a preocupação com a mudança de comportamento de seus personagens:

— Por que ele fugiu? — indagou a menina.
— Não sei — respondeu dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr o mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los [...] (Lobato, 1921, p. 7).

As adaptações de personagens de contos de fadas em suas histórias infantis repetem-se com frequência. Branca de Neve, Cinderela, Barba Azul, “Capinha Vermelha” são personagens que ganham cor em uma releitura bem-humorada de Monteiro Lobato e reaparecem em diversos outros livros além dos citados aqui, dando continuidade a seus novos rumos.

Esse dialogismo presente nas obras é marca de uma espécie de coautoria do autor. A intertextualidade sempre presente pode ser classificada aqui como paródia:

[...] a palavra do outro é absolutamente passiva nas mãos do autor que opera com ela. Ele toma, por assim dizer, a palavra indefesa e sem reciprocidade do outro e a reveste da significação que ele, autor, deseja, obrigando-a a servir aos seus novos fins (Bakhtin, 1997, p. 198).

Além disso, é perceptível que tal intertextualidade recorrente pressupõe uma intenção de Lobato. Conforme Laurent Jenny (1979 *apud* Vasques, 2007, p. 56), “O uso intertextual dos discursos corresponde sempre a uma vocação crítica, lúdica e exploradora [...]”. O universo maravilhoso acolhia essas intertextualidades, porque nele isso era possível. Lobato reavaliava histórias antigas e encaixava conforme convinha esses personagens no mundo que havia criado.

Ao explorar personagens da cultura estrangeira e incorporá-los em um espaço brasileiro e cheio de possibilidades fantásticas, privilegiava neles também um tom mais original. Os contos de fadas europeus, amplamente conhecidos e difundidos, agora possuirão uma marca mais humana (Vasques, 2007, p. 79) e crível aos leitores atentos.

Essa nova narrativa de Lobato propiciou uma crítica a elementos e ideias tão limitados a um período, espaço e contextos distantes que são os contos de fada. O autor ajudou a transformar personagens infantis, antes tão restritos a uma polaridade “educação *versus* diversão”, para ampliar o alcance imaginativo das crianças leitoras.

Com a intenção de cativar e estimular uma mente ativa no seu público, Lobato também as fazia questionar o que elas mesmas liam ali em suas narrativas. Em *O Picapau Amarelo* (1941), fala-se sobre como a história contada pelos homens pode não ser aquela que é verdadeira. Logo no início do livro, D. Quixote descobre como sua fábula é conhecida por outros a partir da leitura de “um tal de Cervantes”.

Lá na varanda D. Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse os dois enormes volumes da edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas.

— Isto não passa duma mistificação! — protestou ele. — Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou — espetei aquele lá.

— Isto é inevitável — disse Dona Benta. — Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isso a História não passa de histórias (Lobato, 1941, p. 21).

No mesmo livro, em uma pequena discussão entre Emília e Capitão Gancho, que dizia que era um vencedor, mas que a narrativa adotada pelos livros não havia sido fidedigna, Emília se exalta, e o personagem responde de modo a nos fazer questionar quem é vilão na história de quem:

— Sim, é isso o que os livros dizem — concordou o velho pirata — mas tanto é falso que aqui estou, são como um pêro.

— Mas eu li! — gritou Emília.

— E que tem que você tenha lido, bonequinha? O fato de a gente ler uma coisa não quer dizer que seja exata. Os livros mentem tanto como os homens (Lobato, 1941, p. 61).

Isso salienta a intenção de Lobato em criar leitores críticos, que não se deixam manipular ou acreditar em qualquer narrativa. Essa percepção amplia mais ainda o tamanho do universo criado pelo autor, que queria muito mais de seus leitores além da delimitação conhecida da literatura vigente. Isso pode demonstrar como, para Lobato, nada está acima de uma apreciação cuidadosa. Não é porque está escrito que é exato, que é fixo. Lobato abriu os portões da nossa mente para refletirmos também sobre o que consumimos.

Além disso, o maravilhoso presente no Sítio do Picapau Amarelo mostrou que tanto a cultura folclórica brasileira quanto as criações culturais de outro continente não são intocáveis a um mundo de possibilidades criadoras. Nenhuma tradição literária ou cultural está incólume às fantasias de um mundo em que tudo é possível.

O revolucionário na obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida (Cademartori, 1986, p. 48).

Isso ocorre porque, apesar de o maravilhoso estar sempre presente nas suas narrativas infantis, ele anda de braços dados com o real:

Lobato consegue o acasalamento maravilha-realidade; usando de recursos do “maravilhoso”, nunca deixa de, no conjunto, fazer com que a tônica principal de suas histórias seja o mundo real. Real como real, e o maravilhoso como real. A disposição das cenas e a psicologia dos personagens nunca se afastam do universo concreto (Marinho, 1982, p. 185).

A dicotomia presente na construção do seu cosmos, conforme afirma o prof. dr. Marcos Lopes (2025), ampara e direciona o leitor de uma maneira adequada para que nosso moralismo não nos exacerbe, sobretudo na sociedade politicamente correta de que hoje fazemos parte: “Crença e ceticismo correspondem, respectivamente, à fantasia e razão. Dois elementos que não formam uma disjunção, mas uma combinação capaz de nos prevenir dos excessos da correção moral, dos nossos bons impulsos”.

Na história contada em *O Picapau Amarelo*, todo o sítio está voltado à mudança que os personagens de contos de fada fazem de seu mundo encantado para o sítio de Dona Benta. Tanto personagens como o Pequeno Polegar e a Branca de Neve e os sete anões quanto mitos gregos fixam residência em áreas vizinhas do sítio de Dona Benta. Segundo Zilberman (2010, p. 149), “apresenta-se o sítio como o espaço imaginário onde todos são acolhidos sem qualquer discriminação e onde reina a democracia igualitária presidida, de modo, digamos, parlamentarista, por Dona Benta”.

Logo no primeiro parágrafo da obra, mostra-se que o universo do sítio era um lugar especial, em que a magia estava sempre presente e encantando a todos:

O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado Mundo de Mentira. O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os

piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam (Lobato, 1941, p. 4).

Essa pequena abertura consegue retomar o que já estava sendo estabelecido com as criações de Lobato desde os anos 1920. Havia, sim, uma magia sendo compartilhada entre todos, principalmente entre os pequenos leitores desse mundo. Dona Benta ainda consegue expressar melhor esse universo mostrando que há muitas existências e criações abstratas que não fazem parte dos sentidos dos adultos, mas ainda possuem significado em sua existência: “De modo que se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização – nem todas as coisas abstratas” (Lobato, 1941, p. 4).

Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa e todos os outros residentes do local tentam conviver e conhecer melhor esses personagens e suas respectivas histórias. A adaptação entre eles ocorre de forma desordenada, porém com direito a uma nova roupagem nas histórias já conhecidas. Aquelas que não eram tão familiares aos personagens (como a personagem Quimera) acabam sendo lembradas nas páginas do livro.

Mais adiante, Emília expressa sua incredulidade com os limites da imaginação dos adultos: “Ah, meu Deus! Que bicho bobo é gente grande! Morrem de lidar com as maravilhas e não aprendem nada – não aprendem essa coisa simples que é o ‘faz de conta’” (Lobato, 1941, p. 7).

Mas há limites para essa intromissão toda, quase como uma marcação delimitada para a manifestação entre o mundo real e o mundo de faz de conta, a fim de que um não atrapalhasse o outro. Viver no mundo do faz de conta é saudável até um limite, e nesse livro o limite foi demarcado geograficamente pelas terras de Dona Benta e dos novos habitantes:

Que viessem todos — todos, todos, até o Barba Azul — mas com a condição de não invadirem o sítio, de não pularem a cerca. Eles ficavam para lá da cerca e ela e os netos ficavam para cá da cerca, nas velhas terras do sítio. Quando algum quisesse visitá-los, tinha de tocar a campainha da porteira e esperar que o Visconde abrisse. Proibido pular. Quem o fizesse, correria o risco de espetar-se no pontudo chifre de Quindim – o guarda (Lobato, 1941, p. 12).

E há, ainda, uma revelação de Branca de Neve sobre as semelhanças entre o mundo “real” (do sítio) e do Mundo das Fadas: “As coisas do Mundo das Maravilhas são tão encrencadas como as do mundo de vocês. Há ciúmeiras, há implicâncias, há invejas” (Lobato, 1941, p. 25). Sua fala implica o reconhecimento de que, apesar dos limites postos entre um mundo e o outro, a conexão entre eles é quase indissociável, principalmente em se tratando de questões da moralidade humana.

No livro em questão, é possível rever e reimaginar personagens já construídos no imaginário popular e na oralidade. A própria Branca de Neve ganha um novo casamento, o Pequeno Polegar sofre alguns acidentes, Sancho Pança ajuda em pequenas travessuras e ganha peso ao consumir em grande quantidade a comida de tia Nastácia. Lobato parodia de forma perspicaz essas e outras personagens, deixando tudo com um tom verossímil.

CONCLUSÃO

Monteiro Lobato elaborou um universo próprio a partir de inspirações na oralidade do seu próprio povo e da literatura mundial. Ele criou o Sítio do Picapau Amarelo e tudo que há nele com o objetivo de vencer o domínio cultural e econômico em que o Brasil vivia e incentivar um pensamento nacional, o que o fez servir-se da intertextualidade e do maravilhoso em suas obras infantis (Vasques, 2007, p. 95-96).

Para Lobato, a criança era um ser racional que poderia encontrar na literatura uma forma de desenvolvimento sem cair no lugar-comum extremamente pedagógico. Barba Azul demonstrou que não era assim tão temível quanto diziam suas histórias, Branca de Neve mostrou que nem tudo no Mundo das Fábulas é belo. O próprio Lobato tentou delinear aquilo que é real e o que é imaginário, contudo demonstrou que algumas questões são mais indissociáveis do que pensamos. No seu universo, é possível perceber que o autor foi além nas narrativas originais e até mesmo na sua própria obra. Suas personagens não seguem padrões conhecidos e, durante a construção do seu invento, transformam-se, evoluem. A partir do maravilhoso, a leitura de mundo ganha novas formas e possibilidades.

Em uma parte do livro *O Pica-pau Amarelo*, Narizinho percebe que a morte também não é um final tão definitivo assim, pois o Capitão Gancho já havia morrido em outras narrativas, porém permanecia reaparecendo nas histórias, inclusive nesse mesmo livro (Lobato, 1941, p. 35). Branca de Neve explica, então, que, se não fosse assim, não seria o País das Maravilhas. O maravilhoso estaria justamente nisto: em reinventar-se, em reaparecer. Ganhar novas possibilidades e oportunidades.

No olhar diferenciado de Monteiro Lobato, podemos entender que nada está distante da nossa contextualização, da nossa reinvenção. Tudo pode ser transformado nesse mundo do maravilhoso e incorporado ao real de maneira crítica. Nenhum fim é definitivo, nenhuma ideia fica estagnada. O tempo pode realinhar algumas questões morais, a tecnologia pode incapacitar ou melhorar alguns aspectos de nossa vida, os interesses das pessoas se transformam, a luta diária modifica nosso ser e nossos princípios. Mas as possibilidades de reinvenção não permitem que aquilo que foi importante para a formação de milhares de pessoas desapareça. Elas sempre renascem e permanecem vivas em novas narrativas, basta o frescor de um novo olhar.

Enchantment and morality in *Reinações de Narizinho* and *O Pica-pau Amarelo*: the role of fantasy

Abstract

This article discusses how Monteiro Lobato intertwines reality and fantasy in *Reinações de Narizinho* and *O Pica-pau Amarelo* to foster children's imagination and moral development. It highlights the blending of traditional fairy tales with the *sítio* universe, encouraging a critical and active engagement from the young reader. Characters such as Emília and Narizinho play central roles in building this playful realm that combines education and entertainment, without underestimating children's intelligence.

Keywords

Marvelous. Moral. Fantasy.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. *Histórias e contos de mulheres*. 1998. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/vxzDw3bdXWGpgXtV79WD58c/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRANCO, T. de A. C. *O maravilhoso e o fantástico na literatura infantil de Monteiro Lobato*. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://monteirolobato.com/documentos/2023/090423-10696_1.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023. p. 183-208.
- CANTUÁRIA, A. L. De protagonista a coadjuvante: o ônus das virtudes de Narizinho. *Cadernos Cedes*, v. 32, n. 86, p. 45-60, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ysqfcVHPLcNq7vqQbYJxFmM/?lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- GRADE, L.; CORDEIRO, M. S. Redescobrimo o maravilhoso em companhia de Monteiro Lobato. *Analecta*, Guarapuava, v. 9, n. 2, p. 87-101, jul./dez. 2008.
- JENNY, L. A estratégia da forma. In: *Intertextualidades (Poétique 27)*. Tradução Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979. p. 5-49.
- LOBATO, J. B. M. *Reinações de Narizinho*. 1921. Digitalização Arlindo San. Edição *on-line* integral e ilustrada. Disponível em: <https://monteirolobato.com/downloads/>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- LOBATO, J. B. M. *O Pica-pau Amarelo*. 1941. Edição *on-line* integral digitalizada. Disponível em: <https://monteirolobato.com/downloads/>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- LOBO, D.; RANAURO, R. A fantasia na literatura de Monteiro Lobato. *Revista Eclética*, Rio de Janeiro, n. 42, p. 6-9, jan./jun. 2016.
- LOPES, M. A. O realismo moral de Monteiro Lobato. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 2025. Coluna Espaço aberto. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/espaco-aberto/o-realismo-moral-de-monteiro-lobato/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

- MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M.; PERES, F. C. A literatura infantil na formação da identidade da criança. *Revista Eletrônica Pró-Docência*, v. 1, p. 1-14, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- MARINHO, J. C. Conversando de Lobato. In: DANTAS, P. (org.). *Voices do tempo de Lobato*. Brasil: Traço, 1982. p. 181-193.
- MELO, J. S. Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico. *Revista Educação Pública*, v. 20, n. 2, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- MOURA, S. F. et al. *De Ideias de Jeca Tatu à A chave do tamanho*: a presença de Lobato em duas fases do Modernismo brasileiro. In: YUNES, E. (org.). *Monteiro Lobato: ideias ao infinito*. Rio de Janeiro: Reflexão, 2012. p. 5-254.
- OLIVEIRA, B. S. *A importância social de Monteiro Lobato na literatura*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) — Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2019.
- ROCHA, M. C. B. *A importância dos contos de fada para a criança*. 2009. Monografia (Graduação em Letras) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/>. Acesso em: 23 fev. 2025.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- VALENTE, T. A. Monteiro Lobato: rasgado, queimado, cancelado e imprescindível. *Jornal da Unesp*, 2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/02/25/monteiro-lobato-rasgado-queimado-cancelado-e-imprescindivel/>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- VASQUES, C. M. *Uma viagem pela intertextualidade em Reinações de Narizinho*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007. Disponível em: <https://monteirolobato.com/documentos/2023/030523-extualidadeemReinacoes.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- VEIGA, E. Dia das Crianças: como a ideia de infância mudou ao longo do tempo. *BBC News*, 11 out. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyx1p-7p9753o>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- ZILBERMAN, R. Monteiro Lobato e suas fases. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 36, p. 141-152, jul. 2010.